

COIMBRA • 2018

63

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXXV): A APARENTE INOCÊNCIA DE UM EX-VOTO A FORTUNA

THE LATIN EPIGRAPHY AS A DIDACTIC ELEMENT (XXXV):
THE APPARENT INNOCENCE OF A THANKS TO ROMAN FORTUNA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CEAACP

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

jde@fl.uc.pt

ORCID.ORG/0000-0002-9090-557X CID

81

ARTIGO RECEBIDO A 08/01/2018 E APROVADO A 23/03/2018.

Resumo: Conclui-se a análise iniciada no *Boletim de Estudos Clássicos* de 2014, da inscrição IRCP 73. Vamos procurar enquadrar na história e na sociedade romanas da época os eventos que o sêxviro organizou: um *barcarum certamen et pugilum*, assim como a entrega de dinheiro aos cidadãos.

Palavras-chave: *Balsa, barca, certamen pugilum, sportulae.*

Abstract: This essay completes the analysis (see *Boletim de Estudos Clássicos* 59, 2014, p. 95-102) about an inscription from *Balsa*, in the southern Lusitanian coast. We will see the cultural and social significance

of the expression *barcarum certamen et pugilum* and what is, in fact, the real purpose of the money's offer to the citizens.

Keywords: *Balsa, barca, certamen pugilum, sportulae.*

Fizemos uma pausa e fomos até Creta, no *Boletim de Estudos Clássicos* 60 (2015), porque nos deixámos seduzir por uma epígrafe datada de 1608. Não resistimos. Há, porém, que voltar atrás e completar a análise que se iniciara, no volume de 2014, de outro singular texto epigráfico romano. Chamara-se a atenção para a existência, no Império, do colégio dos sêxviro, mesmo a nível local, encarregados de manter a chama de um culto ao imperador. E concluíra-se estarmos, nessa aparentemente singela epígrafe, perante uma evidência: «O poder político e o poder económico em comunhão, nimbados de um sublime halo religioso...».

82

Ver-se-á, porém, que – do prisma de que temos encarado o monumento epigráfico, «como elemento didático», ou seja, como exemplo concreto, vivo, da palavra estampada num quotidiano visível – outras ilações se podem retirar desse ex-voto que Ânio Primitivo dedicou à Fortuna Augusta, a dar-lhe graças por ter sido eleito sêxviro (IRCP 73).

Vão interessar-nos, justamente para espreitar o quotidiano, os eventos (diríamos hoje...) que o recém-eleito promoveu, na sequência, sem dúvida, das promessas eleitorais que fizera – a obrigatoriedade de despendar a *summa honoraria* em prol da comunidade – e, por isso, como houve oportunidade de salientar, *Annius Primitivus* apressou-se a mandar gravar: *de sua pecunia dono dedit*, que é como quem diz: «Atenção, amigos, eu não me apropriei para isto de dinheiros públicos: foi tudo pago com dinheiro do meu próprio bolso!». Poderíamos demorar-nos aqui um pouco mais, no contraste flagrante com a nossa contemporânea realidade; mas também o que vem a seguir nos poderá oferecer mui fagueiras ocasiões de reflexão...

1. *Edito barcarum certamine*

Mandou organizar uma naumaquia. Não é de admirar: *Balsa* estava à beira-mar e se ainda hoje o mar frente a Tavira oferece esses tranquilos braços entre os ilhéus, fácil seria aproveitar um deles para um espectáculo assim. Claro, poderia tê-lo feito no circo, de que *Balsa* também disporia já;¹ ou no anfiteatro da cidade,² enchendo-se de água, como se há notícia noutros sítios;³ aqui, porém, com o mar ali seria desperdício.

Não tem sofrido contestação a ideia de esse *barcarum certamen* ter sido uma naumaquia, uma batalha naval como espectáculo, que poderia servir igualmente como treino na luta contra a pirataria vinda do Norte de África, que não seria pouca já então.⁴ A base de dados <http://www.manfredclauss.de> dá conta de apenas três testemunhos do uso epigráfico da palavra *naumachia*;⁵ contudo, a alusão mais significativa – e quiçá daí veio exemplo – pode considerar-se a que Augusto faz, com entusiasmo,

¹ Há duas placas (IRCP 76 e 77) a recordar que dois beneméritos – *L. Cassius Celer* e *C. Licinius Badius* – se encarregaram de pagar, cada um, as despesas com a construção de cem pês do respectivo pódio.

² A darmos crédito à sugestão da sua existência proposta por Luís Fraga da Silva que, utilizando métodos de prospecção geofísica, o logrou localizar com alguma probabilidade (2007, passim).

³ Escreve Philippe Fabia (in DA, s. v. «naumachia») que «para local da naumaquia raramente se escolhia o mar ou mesmo um lago; o mais habitual era a arena de um anfiteatro que dispunha de um mecanismo específico para encher e vaziar de água quando se quisesse, ou então chegava-se a cavar um fosso propositadamente para esse efeito, dotado de escadarias, como um circo, para os espectadores». Luís Fraga da Silva acrescenta que, «de facto, os anfiteatros possuíam geralmente aquedutos próprios devido à necessidade de lavagem da arena e jaulas» (2007, p. 133).

⁴ Sabe-se, por exemplo, das «razias dos *Maurii* (mauritanos), que assolaram o Sul da Bética em 171-178 e podem ter atingido a costa algarvia» (Silva, 2007, p. 34); mas dos ataques dos piratas certamente... «não reza a História»!...

⁵ Nessa base as inscrições vêm identificadas com um número de código, precedido das siglas EDCS [= Epigraphik-Datenbank Clauss-Slaby]. Assim, em EDCS-20200013, após o nº 35 das *Res Gestae*, há neste texto mais umas linhas, onde, a dado passo, se faz menção de *naumachi[am]*; em EDCS-20200012 (Ostia Antica), há também alusão a uma *naumachia* logo nas primeiras linhas do texto; em EDCS-36700005 (Antioquia da Pisídia), a referência *naum[a]chi[am]* vem, ao invés, no final.

nas *Res Gestae*, onde, porém, se usa outra expressão: *navalis proeli(i) spectac(u)lum*.⁶ No entanto, Philippe Fabia (in *DA*, s. v. «naumachia») dá conta de inúmeras iniciativas do género, tomadas por imperadores, sendo a primeira de que há notícia a que César mandou organizar, no ano 46, aquando dos seus jogos triunfais. Não há, contudo, segundo me pareceu, naumaquias que tenham partido de iniciativa privada, o que dá especial relevo histórico ao que *Primitivus* ousou levar a cabo.

Neste âmbito, convirá ainda atentar na designação usada: *barcarum certamen*.

Há exemplos epigráficos de *certamen*, não apenas no sentido de combate, mas também numa conotação mais lúdica. Assim, a epígrafe EDCS-26900083, achada também em Antioquia da Pisídia, dá conta de que Albúcio Firmo, que fora magistrado municipal, «pecuniam destinavit per testamentum ad certamen gymnicum», isto é, legara uma verba para que se realizasse um concurso gímnico em dias determinados; e EDCS-25700521 (de proveniência desconhecida) alude a um *quinquennale certamen theatra* [sic], algo como um festival de teatro a realizar de cinco em cinco anos.

Tem sido, porém, a palavra *barca* que há suscitado mais comentários, por não ser vocábulo usado nem epigraficamente nem, segundo se logrou saber, no quotidiano ou nos textos literários antigos. Indiquei (IRCP p. 125, nota 1) que Hübner (CIL II 73) lhe atribuíra uma provável origem fenícia e que o saudoso Doutor Walter de Medeiros me sugerira

⁶ Consigno aqui o texto da atrás referida EDCS-20200013: «navalis proeli(i) spectac(u)lum populo de[di] trans Tiberim in quo loco / nunc nemus est Caesarum cavato [s]olo in longitudinem mille / et octingentos pedes in latitudine[m mille] e[t] ducent<os=I> in quo tri/ginta rostratae naves triremes a[ut bire]mes plures autem / minores inter se conflixerunt q[ui]bus in classibus pugnave/runt praeter remiges millia hom[in]um tria circiter» – que a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira (2000, p. 117, nº 23) traduziu assim: «Ofereci ao povo o espectáculo de um combate naval além-Tibre, no local onde hoje fica o bosque dos Césares, cavando o solo no comprimento de 1800 pés e na largura de 1200. Nele lutaram umas contra as outras trinta trirremes ou birremes com esporão, e navios menores, em maior número. Nessas armadas combateram, além dos remadores, cerca de 3000 homens». Consta que o imperador quis simular aí a batalha de Salamina.

uma origem também do Médio Oriente ou do Norte de África. No *DA*, s. v. «barca», C. de la Berge dá-lhe o significado de chalupa, como tipo de embarcação que estaria dentro de um navio maior e que se usaria para o transbordo de mercadorias, segundo o testemunho de Santo Isidoro de Sevilha. Termo, portanto, considerado, por isso, da «baixa latinidade», nada nos impede de – porventura por influência africana (cartaginesa, porque não?) – pensar que lhe terá sido dado, aqui, esse significado. Ou seja, não vamos imaginar que, por maiores posses de que Ânio Primitivo pudesse usufruir, o seu *certamen* tivesse envolvido birremes ou trirremes como a naumaquia de Augusto. Seriam... barcas! – designação que ainda hoje se mantém, com esse sentido de barco pequeno, na nomenclatura marítima portuguesa.

2. *Pugilum certamen*

Já um combate de pugilismo envolveria, apesar de tudo, uma despesa menor. Havendo anfiteatro, como se supõe, teria, obviamente, de haver em *Balsa* quem se dedicasse ao combate; note-se que não se fala em gladiadores, mas em pugilistas. E o cumprimento dessa promessa poderia, por isso, não envolver grandes custos. Veja-se que a inscrição CIL II 4514, de Barcelona, informa que, terminado o serviço, o centurião Lúcio Cecílio Optato determinou que, todos os anos, no 4º dia dos idos de Junho, se organizasse *spectac(ulum) pugilum* até ao custo de 250 denários.

Quanto à designação da iniciativa, as epígrafes oscilam entre a utilização dos dois vocábulos: *spectaculum* ou *certamen*: por exemplo, CIL III 1745, na Dalmácia, refere *pugilum spectaculum*; e o mesmo documenta outra epígrafe, da África Proconsular (CIL VIII 895), segundo a qual dois edis promoveram *spectaculum pugilum et gymnasium*; contudo, no mesmo horizonte geográfico, a África Proconsular, CIL VIII 1323 já traz *pugilum certamina*... Conclusão: a designação varia, sintoma também – a meu ver – de que é entretenimento comum, fácil de ser incluído nas promessas eleitorais.

3. *Sportulis etiam civibus datis*

Atentaria, primeiro, no uso de *etiam*, «além disso», «e também». Não é muito corrente em Epigrafia, a não ser em textos de índole jurídica e confirma o nível de cultura acima da média que o todo da epígrafe documenta.

Na Península, podemos aduzir como exemplos desse uso não muito comum: o epitáfio CIL II 2977, da região de Saragoça, que se refere a vários defuntos sendo a identificação do último precedido da expressão «et etiam»; CIL II 3270, de Cástulo, assinala «etiam epulo populo remisit».

Dois palavras nos prendem, aqui, a atenção: *sportula*, que poderemos, na verdade, traduzir de forma erudita – «espórtula» – pois que assim mantém o seu significado íntimo, de gratificação pecuniária. Ânio Primitivo distribuiu dinheiro *civibus* «aos cidadãos» – e esta é a segunda palavra a reter. O presente não foi para todos: só para os cidadãos, aqueles que tinham acesso ao voto e que, por conseguinte, contribuíram para a sua eleição.

E distribuir dinheiro é promessa amiúde cumprida? Tendo em conta os testemunhos em que vem expressamente assinalada, a *sportula* consistiria em expediente não raro. Na base de dados a que temos recorrido, por ser a que ora reúne o maior número de epígrafes romanas conhecidas – www.manfredclauss.de/ – a busca feita resultou em 208 referências, sendo destinatários da espórtula, na sua maioria, as elites locais: os decuriões, os membros de determinado colégio, os sacerdotes...

Em suma

Creio ter contribuído para mostrar, mediante uma, quanto possível, circunstanciada análise desta inscrição, que o monumento epigráfico pode constituir, se assim o quisermos entender, um meio eficaz não apenas para se tomar consciência das frases mais ou menos estereotipadas e lapidares usadas no quotidiano, mas também para se entrar no âmago de uma vivência total, de que a literatura, pelas suas características, envolve com muita frequência num clima menos real.

Por esta pedra ficámos a saber que, em determinado momento do Império Romano, em *Balsa*, existiu um sêxviro benemérito; ou, melhor dizendo, um sêxviro que, por ter sido eleito, fez questão em fazer constar de forma imorredoura, para o futuro, que cumprira as promessas feitas: ofereceu espectáculos de batalha naval e de pugilato e distribuiu dinheiro aos seus correligionários.



87

E quiçá não nos interrogaremos no final: não há uma diferença em relação aos dias de hoje? É que não só as promessas não se cumprem, como as raras que se cumprem raramente merecem gravação!... Ou não será?

BIBLIOGRAFIA

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*. [Está organizado por regiões antigas; o da Península Ibérica tem o nº II: HÜBNER, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum - II*. Berlim].

DA = DAREMBERG, Ch.; SAGLIO, E., *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Graz.

EDCS = Epigraphik-Datenbank Clauss-Slaby. Acessível em: <http://www.mannfredclaus.de/>

Encarnação, J. d' (2014), «A epígrafe latina como elemento didáctico (XXXIII) – O colégio dos sêxviro – religião e poder em evidência», *Boletim de Estudos Clássicos*, 59, p. 95-102. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/30299>

IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984, ²2013), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>. [O número indica o nº da inscrição no catálogo].

Pereira, M. H. R. (⁴2000), *Romana (Antologia da Cultura Latina)*, Universidade de Coimbra.

Silva, L. F. (2007), *Balsa, Cidade Perdida?*, Campo Arqueológico e Câmara Municipal de Tavira.